

RETRA
TOS
QUEIMA
DOS



AFONSO
NILSON

Este livro foi impresso com recursos do Ministério da Cultura do Brasil através da Lei Paulo Gustavo em Laranjeiras do Sul/PR e possui como uma das ações de acessibilidade o uso de fontes e espaços entre linhas aumentados para pessoas com baixa visão.



MINISTÉRIO DA
CULTURA



**RETRATOS
QUEIMADOS**

RETRATOS QUEIMADOS

Afonso Nilson

Apresentação

Prof. Dr. Fabio Nunes Medeiros



©Proscênio - Editora e Empreendimentos Culturais, 2024

Edição, diagramação e revisão:

Afonso Nilson Barbosa de Souza

Capa:

André Marchesi

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Nilson, Afonso
Retratos queimados / Afonso Nilson. -- Laranjeiras
do Sul, PR : Editora Proscênio, 2024.

ISBN 978-65-997604-5-7

1. Comédia brasileira 2. Dramaturgia 3. Teatro
I. Título.

24-200097

CDD-792

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro 792

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos em língua portuguesa reservados à:

Proscênio - Editora e Empreendimentos Culturais

Av. Santos Dumont, 1731 - Centro - Laranjeiras do Sul/PR

85.301-040

www.proscenio.com.br

-

SUMÁRIO

Apresentação,
por Fabio Nunes Medeiros 10

RETRATOS QUEIMADOS 21

Sobre o autor 61

APRESENTAÇÃO

por **Fabio Nunes Medeiros**

RETRATOS QUEIMADOS

OU

“A MÁSCARA DISSOLVEU MEU ROSTO”

Recebo com afeto o convite do querido Afonso Nilson Barbosa de Souza para apresentar *Retratos Queimados*. Por muitos motivos, mas especialmente pelo corpo-a-corpo que uma escrita pode criar ao seu leitor, e mais ainda quando essa escrita é do gênero dramático, ou seja, uma peça de teatro escrita para além do fim de ser lida, o de ser encenada. É nesse primeiro ponto que a escrita pretensiosa deste gênero quer encontrar dois corpos, os corpos dos atores e os corpos dos leitores-espectadores. E esse jogo aparece com maestria na

escrita de *Retratos*, uma vez que, na medida em que nossos olhos correm as rubricas e as falas das personagens, nosso imaginário vai corporificando a ação.

A forma de escrita do autor nessa peça é tão fluída que ainda que pararmos a leitura para algum afazer outro, a história fica pulsante em nós, como uma espécie de ação suspensa, endossando a ideia de um texto para ser encenado. Assim essa pausa soa como um término de ato teatral. A retomada é quase que necessária. Um pouco disso se deve à estrutura do gênero, que beira a tragédia – mas também à instigante curiosidade que a situação impõe à contemporaneidade, sobretudo que se instaura na relação complexa, no mínimo abusiva, entre as personagens.

Ainda que entre a Patroa e a Empregada exista uma espécie de incomunicabilidade social, inclusive para “preservação da espécie”, parece que existe um co-

nhecimento profundo entre elas, no que tange os limites de cada uma. Esse conhecimento que não está apenas na língua, mas em toda linguagem corporal, o que retoma a ideia de uma escrita para ser corporificada.

Um dos temas tratados na história, e que me instiga enquanto leitor, é sobre a crise da convivência, muito adequado a nossos tempos de ilusões virtuais em detrimento de frustrações com o mundo real. Ainda que isso não seja abordado explicitamente, isso pode ser percebido na mente complexa da Patroa, que projeta em seus “retratos” toda a sua idealização de vida e de existência, tanto a sua quanto das pessoas que acredita estarem de alguma forma subordinadas a ela.

Gosto muito da escrita teatral porque as metáforas se “escondem” não só nas palavras, mas veementemente nas ações ou algumas situações, a exemplo de uma “cena” na qual, por mais “insuportável”

que seja a existência da Empregada, é o vestido que ela escolheu que será usado pela Patroa, portanto sua existência se torna também a existência da Patroa e isso vai contra suas palavras que estão todo o tempo tentando negar a existência da outra. Ou seja, a ação contraria o que a palavra diz, criando assim uma metáfora situacional e não retórica. Um dos grandes poderes da efemeridade da arte da cena, mas que o autor consegue captar na escrita.

No que contempla o enredo, para além da evidente relação abusiva da patroa com a empregada, é importante observar também que recaem sobre ela questões sociais, tais como um machismo estrutural que se evidencia fortemente na sua crise etária, neste paradigma tão cruelmente imposto à existência da mulher. Esta personagem vive a ilusão, como boa parte da aristocracia, de ser um personagem de ópera burguesa, quando na reali-

dade uma parcela dessa violência contra a mulher não está retratada nestas obras, ou muitas vezes romantizadas.

Os porta-retratos, o espelho e mesmo a Empregada, “objetos” tipos de uma peça burguesa, todas estas formas de representação podem corresponder a uma função emblemática na narrativa, atacando a existência da personagem principal. Eles alcançam um valor espacial, de fundamental expressão ao fenômeno teatral. Talvez esse seja mais um apelo para justificar a importância de que esse texto seja encenado.

PATROA – [...] “Ah, você é casada! E eu nem havia notado. Vamos, me conte. Como é teu casamento? Como é amar o suficiente alguém para perdoar os defeitos?”

Ainda que com muita violência de classe, não deve ser fácil para a burguesia

- ou seja, um lugar de poder por si, perceber no final da vida que este lugar não lhe trouxe felicidade, enquanto que em contraponto, uma posição antagônica a sua, pôde gozar de tais benefícios... Esse talvez seja um estopim da crise existencial da personagem principal... Será?

Contudo, é grande o motivo dela de arremessar porta-retratos, como se arremessa a própria vida ou suas memórias inquebráveis. Os porta-retratos podem agir como verdadeiros mausoléus, inclusive para aprisionar lembranças... Parece que todas aquelas formas de “espelhos” agiam como fogo de inquisições.

Talvez *Retratos Queimados* fale disso também, das máscaras sociais que não dissolvem somente rostos, mas existências inteiras. Entretanto, é de máscaras também que se constitui muita gente, e mesmo sabendo, se mantêm a viver com elas.

De tantas coisas falam essa obra... Gosto da ideia de que toda obra é aberta, cabendo ao seu leitor fazer a conclusão daquilo que o autor-artista começou, colocando seus próprios sentidos ao que lê.

Exercício libertário! À leitura! Desejo a vocês a grande aventura que é a metáfora! E que seja potente essa aventura! E desejo a vocês a ida ao teatro, onde os textos ganham novas vidas e se reescrevem junto com os artistas da cena.

Fabio Nunes Medeiros Doutor em Teatro pela USP (Universidade de São Paulo), professor da FAP/UNESPAR em Curitiba/PR, ator, diretor teatral e bonequeiro.

**RETRATOS
QUEIMADOS**

Afonso Nilson

LEITURAS DRAMÁTICAS

A primeira leitura dramática de *Retratos Queimados*, na época com o título de *Tarimba*, foi realizada em dezembro de 2010 sob direção de Clóvis Massa e atuação de Margarida Leoni Peixoto e Larissa Tavares, dentro da programação do Ciclo de Leituras do Teatro do Absurdo, evento realizado pela Cia Teatro ao Quadrado, no Teatro de Arena, em Porto Alegre/RS.

Em 2018 a Téspis Cia de Teatro, de Itajaí/SC, realizou a leitura dramática do texto com direção de Max Reinert, atuação de Denise da Luz e Sabrina Francez, na programação da Itajaí Criativa Residência Artística.

FICHA TÉCNICA

A publicação deste livro faz parte do projeto Retratos Queimados - publicação de texto teatral, aprovado pela Lei Paulo Gustavo de Laranjeiras do Sul/PR e conta com os seguintes integrantes:

- Leitura dramática: **Marli Roth e Eduarda Roth**
- Texto de apresentação: **Fabio Nunes Medeiros**
- Edição, diagramação e revisão: **Proscênio Editora**
- Palestra de contrapartida social: **Afonso Nilson Barbosa de Souza**

A primeira tiragem deste livro, composta por 200 exemplares, será integralmente distribuída gratuitamente.

PERSONAGENS

A Patroa: voz encorpada de alguém acostumada a falar alto. Seus gestos e porte são de alguém cujas boas maneiras não precisaram ser aprendidas em livros.

Odete, a empregada: jovem, mas não muito. Nova na casa, não sabe ainda com quem está lidando.

AMBIENTAÇÃO

Quarto de dormir, elegante e decadente. Armário com vestidos, roupas espalhadas. Penteadeira, espelho. Um grande, imenso amontoado de cacos de vidro e cerâmica.

Patroa

(observando-se no espelho, apalpa-se) Doente. Cadáver. Tantas mãos já te seguraram, tantos dedos te invadiram e agora desaba abandonada. Implacavelmente desgraçado, maldito tempo que nunca para! (pega o porta-retrato, contempla longa e tristemente e com um grito o estilhaça na parede sobre os cacos de vidro)

(Entra Odete, a empregada, assustada)

Odete

Senhora, tudo bem? Ouvi um grito.

Patroa

Sim, ouviste gritos. Era meu desprezo te chamando, implorando pelo horror da tua presença.

Odete

Não senhora, não ouvi meu nome...

Patroa

Não é teu nome, é o que tu representas, é a maldição de tua existência, é um grito de escárnio, de desespero e repulsa pela tua proximidade, é a humilhação e o desgosto que te chamam.

Odete

Mas senhora...

Patroa

O mundo destruído em minhas pelancas,
o som sem voz do meu ranger de dentes,
a maldição desta vida fadada ao fim inalie-
nável, à destruição completa é que te cha-
mam, ignóbil!

Odete

Desculpe senhora, não entendo nada do
que a senhora tá falando.

Patroa

(subitamente calma) E nem poderia. O en-
tendimento é vedado aos acéfalos.

Odete

Ace... Ace o quê senhora?

Patroa

Venha, não fique aí parada. Ajude-me a
achar um vestido decente.

Odete

Sim, senhora.

Enquanto a Patroa se despe a empregada procura um vestido no armário.

Odete

Que tal esse senhora?

Patroa

Ridículo.

Odete

Este azul senhora? É tão lindo.

Patroa

Só mesmo uma pobre como você para achar lindo esse trapo velho.

Odete

Ah, já que a senhora não gosta, posso ficar com ele?

Patroa

Não! Ele é meu! (*pausa*) Vamos, depressa, preciso de um vestido.

Odete

Senhora, talvez esse aqui.

Patroa

Como você é inútil. Você quer mesmo que eu vá à festa com essa coisa? Você por acaso tem noção do que representa essa festa para mim? (*pausa*) Jogue esse farrapo sobre a cama e retire-se. Eu mesma vou encontrar o vestido. Vá, vá para cozinha, que é o teu lugar.

Odete

Sim, sim senhora. *(sai)*

Patroa

(procura o vestido no guarda-roupa. Joga quase todos no chão numa procura angustiada. Por fim, pega da cama o vestido que a empregada havia separado. Veste-se.) Miserável! Se não tivesse revirado minhas roupas eu teria achado num instante. Não sei como consigo conviver com essa gente. *(veste-se)* É, este até que me cai bem. *(pausa)* O que não me cai bem é o corpo! Estes pés, ah meu Deus estes pés de harpia! Tantas rugas em minhas mãos, um oceano de esmalte não tiraria o aspecto de galhos secos de meus dedos. *(pega um vidro de creme passa freneticamente nas mãos. Depois, mais lentamente no colo, nos seios)* Meus seios, meus belos seios. Homens morreriam para tocá-los um segundo apenas... Mas nenhum precisou morrer. Tantas mãos e lábios em meus mamilos. Meus belos pei-

tos desafiavam a gravidade! Sempre austeros e orgulhosos de si como sua dona, e agora, estas duas gotas secas pendendo como um fruto podre. Ah, tempo desgraçado, ah velhice maldita! Se ao menos eu tivesse casado... Mas não, nenhum homem jamais chegou ao meu nível. Alguns até eram bons, mas de que adianta ser bom sem dinheiro? Outros eram ricos, mas de que adianta ser só rico? Eu poderia ter casado com os melhores, mas ninguém era melhor o bastante para mim. Nunca encontrei um homem perfeito. Eu, filha da melhor elite dessa cidade, como poderia suportar a companhia de um industrial que não conhecesse Puccini? Ou pior, alguém que conhecesse Puccini mas não pudesse me pagar as entradas da ópera? Mas quem precisa de marido? Tive todos os que eu quis pelo tempo que desejei. Morram malditos! *(Encara-se longamente no espelho. Subitamente furiosa, joga o vidro sobre a penteadeira, quebra o espelho, derruba perfumes e outros objetos).*

Odete

(entrando assustada) Senhora, o que foi isso?

Patroa

(aos gritos) Isto foram minhas rugas desabando como uma avalanche sobre minha cara, sua primata! Quem te chamou aqui? Ouviu alguém chamando “debilóide, venha cá”, “ordinária”, “estúpida” ou coisa que o valha para vir chafurdar como a porca que és no oxigênio do meu quarto?

Odete

Senhora, não devia me xingar assim.

Patroa

Quem és tu, desgraçada, para me dizer o que eu devo ou não fazer? Cala essa tua boca imunda para me dizer se eu devo ou não te xingar! Cala a podridão da tua

boca para dizer qualquer merda, que é só o que tu sabes falar! Cala essa boca de sarjeta sua abortada, cala essa boca! (*joga algo afugentando a empregada*) Quem precisa de homens? Antes, até. As carnes de uma mulher formosa precisam ser tocadas, acariciadas. E eu era formosa! Era uma harpa em que os melhores homens dedilhavam suas melodias de amor. (*pausa, ri amargurada*) Que mentira! A grande maioria sequer cortava as unhas, quanto mais “dedilhar melodias”. Eram todos uns grosseiros, principalmente os refinados. Ah, esses eram os piores. Antes sonetos de Camões, depois tapas e bofetões. Con senti tantas vezes em ser estuprada que já não consigo distinguir aqueles com quem dormia daqueles que me botavam pra dormir com álcool e socos. Lindos vestidos para olhos vulgares, frases de efeito e citações eruditas para néscios bestializados, meu belo rosto para o horror das expressões plásticas, dos sorrisos forçados, do ódio encalacrado em cada célula que cora-

va de furor na afabilidade com gente ignara. (*Pega um caco do espelho, tenta alguns sorrisos forçados*) A máscara dissolveu meu rosto. (*senta-se na cama, olha o vazio*) Odete! Odete! Venha cá querida.

Odete

(*entra ainda um pouco amedrontada*) Senhora?

Patroa

Venha cá, sente-se aqui. Não tema, sente aqui do meu lado. (*um pouco receosa, a empregada senta*) Odete, quero que me perdoe se fui rude contigo agora há pouco. É que estou nervosa com essa festa de hoje. Você bem sabe que é uma data muito importante para mim. É o lançamento do livro de um homem que eu amei muito, mas que não era perfeito. (*segura a mão da empregada*) Você não acha, Odete, que o amor deveria ser perfeito? (*repara na ali-*

ança na mão da empregada) Ah, você é casada! E eu nem havia notado. Vamos, me conte. Como é teu casamento? Como é amar o suficiente alguém para perdoar os defeitos?

Odete

É... Eu não sei patroa, quando conheci o Josir a gente logo que se engatou, e foi assim.

Patroa

Assim de repente? Amor à primeira vista e pronto?

Odete

É, mais ou menos, porque aí eu engravidei e a gente casou.

Patroa

É um bichinho mesmo. Vai, conhece um vagabundo qualquer, fode por aí no mato, engravida e casa. *(levanta-se exaltada, a empregada logo em seguida)* Esse é o amor que tu conheces. A carne fétida, as roupas de baixo em frangalhos, os olhos transbordantes de lascívia e uma levianidade digna das cadelas no cio, eis o teu amor. Vá bichinho! Vá cuidar de tuas crias que em breve darão mais crias como uma ninhada de ratos. Vai para desgraça que te carregue com esse teu amor miserável! *(a empregada sai aos prantos)* Triste criatura. Desconhece o amor verdadeiro. Desconhece o galanteio elegante de um desconhecido de fraque. Nunca ouviu poemas recitados a rouca voz pelos poetas de colunas sociais. Jamais teve as pernas acariciadas impudicamente sob a mesa de jantares finíssimos, onde os pratos frios eram ferventes perante a sordidez das faces. *(pausa)* Certa vez eu conheci um poeta. Ah, que lindos cachos ne-

gros tinha meu poeta. E os olhos? Verdes, verdes como uma floresta sem fim atrás de seus oito graus de miopia. E ficavam tão pequeninos atrás das lentes que pareciam duas ervilhas. Duas pequenas ervilhas numa porcelana branca. *(pausa)* Que belos versos saiam de sua boca diretamente para dentro de meus ouvidos, acompanhados quase que instantaneamente de sua língua sulfurosa. Sempre quis acreditar que aquele hálito era um problema estomacal, mas eu via restos de comida em seus sorrisos. Ah, mas de qualquer maneira, como eu gostava de ouvi-lo. À distância, mas como eu gostava. Dizia mimos de toda espécie. E em segredo, pois eu tinha uma reputação a zelar, o deixava morder meus seios sobre a roupa. De fato sequer andávamos de mãos dadas. Eu não podia ser vista com alguém que não estivesse ao meu nível, mesmo que o amasse. Na verdade, eu não o amava. Apenas me encantava de seu palavreado bem articulado, suas palavras difíceis e suas poses de

estátua de praça. Mas homens, todos iguais. Queria me ter só pra si, e eu, eu sequer queria que ele fosse visto ao meu lado. Foi então, na ópera, numa récita em que até as últimas forças eu relutara para não ir, pois a visão do casal disforme que formávamos me constrangia, foi então, um pouco antes de L'elisir d'amore que ele me apresentou o homem. O homem maldito. *(pausa)* Estava tão enraivecida de ser vista ao lado daquele balofo viscoso que me acompanhava que não o olhei no rosto quando fui apresentada. E ele, aquele homem maldito, ele sequer se fez de rogado. Qualquer pessoa decente teria isso como uma ofensa imperdoável. Mas ele se pôs a conversar amigavelmente com o meu constrangedor acompanhante, rindo gostoso com aquele riso branco que acabou de imediato comigo. *(pausa)* Cretino! Homem maldito! *(pausa)* Odete! Venha cá empregada estúpida! Vamos sua tola, traga-me mais um porta-retrato. *(A mulher pega o retrato do monte de cacos.)*

Ah, homem maldito! Mas tão lindo, tão lindo o filho da puta! *(chega a empregada com um porta-retrato de porcelana. A mulher, arrancando-o das mãos da empregada, coloca nele a foto. Contempla-o longamente. Num crescente de melancolia e fúria atira o porta-retrato contra a parede, sobre o amontoado de cacos)* Maldito! E hoje vou à sua festa, me regalar com champanhe, comprar seu livro e solicitar cortesmente uma dedicatória simpática. A dedicatória simpática do homem que foi meu maior amante, que foi o homem, em suma. É tudo o que me resta desta vida estúpida. *(pausa)* Ainda não sei se lhe tive mais ódio ou amor. O que sei é que esta me parece uma bela noite para assassinato. *(pausa)* É injusto que ele morra sem que eu o faça sofrer. É injusto que eu morra sem jamais ter me vingado. Reguei demais os jardins do ódio para deixar a paz presente apagar o passado. Vingança, vingança é o que move a minha alma. A vingança sim é que é um estado de graça. É mais que o prazer irrisório de um momento de volú-

pia, a vingança é o gozo supremo, o supra-sumo dos clitóris mortos, o êxtase religioso dos sem Deus. A vingança é o maior ato de amor que alguém pode ter consigo mesmo. Não é verdade, Odete?

Odete

Não sei, senhora.

Patroa

“Não sei; não sei, não sei...” É tudo que você sabe: “não sei, não sei, não sei...” Só uma anta sem dentes como você não sabe o que é safar o rabo entre as pernas com as mandíbulas na panturrilha alheia. Ou sabe, sua primata? Por acaso já se vingou de alguém que te fez mal?

Odete

Não senhora, acho que é contra minha religião.

Patroa

Ah, grande madre puta a tua crença. “Ofereça a outra face, querida”. Vai pro diabo que te carregue com os dois lados esbofeteados dessa tua cara estúpida! Você, Odete, é uma pessoa cuja simples presença é uma vingança. Teu marido porco deve ter acessos de vômito só de te ver chegar em casa. Ele deve pensar: “Maldita hora em que fui engravidar aquela porca”. E você chegando com essas duas tetas caídas, essa cara de cansaço de quem joga todo dia a vida na latrina em seus afazeres domésticos, esse passinho curto e leve de quem se caga de medo da patroa, do marido, dos filhos, do mundo todo! Essa é a tua vingança Odete, o desgosto que pessoas como eu tem em coexistir contigo.

Odete

Mas senhora, eu não faço mal a ninguém.

Patroa

Você é o próprio mal, Odete. Será que não consegue enxergar isso? O mal, Odete, nasceu da tua existência. *(a segura pelo queixo e a olha nos olhos)* Eu vejo o mal nos teus olhos. Vejo o vício da sujeira nestas tuas pálpebras emolduradas por olheiras. Parece que há pó em tuas rugas. *(assopra no rosto da empregada)* Nem assim sai essa crosta de anos vividos na imundície dessa tua existência miserável. *(solta a cara da doméstica)* Vai lavar essa tua cara, Odete. Vai lavar esse caldo viscoso que você chama de pele, esse pneu em carcaça que você chama de rosto. Vai, Odete, me deixe em paz com o mal que tu não me fazes.

Odete

Senhora...

Patroa

Já disse que vá. *(a empregada sai. A mulher vai até o monte de cacos e pega novamente a foto)*
Hoje eu irei a tua festa, meu querido. Depois de tantos anos eu vou te rever. Meu melhor vestido e meu melhor sorriso ao teu dispor. Todo meu ódio e ressentimento também, a tua inteira disposição. *(pausa)*
Poderíamos ter sido tão felizes, tão felizes. Mas tu não foste forte o suficiente para me entender. Tu me abandonaste quando eu disse que não mais te queria. Não, tu tinhas que ter sido forte, meu amor. Eu te batia tanto, mas cada golpe era um gesto de adoração. Tu sabias, pois ninguém que agride com tanta veemência pode ser indiferente a sua vítima. Tu fugiste, meu amor. Desistiu de mim, que te mandei embora para ver se tu ficavas. Lembras como eu dizia o quanto tu me eras inferior? Ainda continua sendo a mais pura verdade. Somente alguém capaz de sublimar um amor desesperadamente banal como o teu pode continuar te amando tanto, mesmo

tendo sido esquecida. Sei que tu me esqueceste. Os romances que tu escrevestes, os poemas, tudo, mesmo que tu não saibas, eu sei, foram para mim. Cada palavra tem o meu gozo inscrito no papel. Tua tinta são minhas lágrimas, meu amor. *(aperta a foto contra o peito)* Já quis tantas vezes queimar este papel ridículo que guarda a tua imagem, que quando te olho sinto gosto de querosene. Lembra, lembra quando queimei todos os teus retratos? Tu mereceste, não foi? *(gradativamente furiosa)* Tu mereceste, não foi? Não foi, traidor? Eu te larguei e num segundo já tinhas outra. Imundo! Como pôde ser tão insensível? Eu merecia a tua castidade eterna! *(pausa)* Eu não sei o que deu em mim, mas não te tolerava mais. Tu eras tão bom, tão doce que comecei a ter náuseas. Eu te queria pior, eu te queria aos gritos, meu amor. Mas tu não gritavas. Eras tão silencioso. Parecia um gato esgueirando-se atrás de mim, mendigando carinho. Do nosso amor só sobrou essa

foto ridícula. Tu me pediste para que eu jamais me desfizesse dela. Tu querias colocá-la na contracapa de teu primeiro livro, e dedicá-lo a mim. Lembras? E hoje? Teu vigésimo livro! Quantos dedicados a mim? Nenhum. Mas todos sou eu. Revejo-me em cada palavra. O ritmo de teus diálogos é o meu discurso, meu amor. Tu nem sabes, mas sou eu todos a quem tu crias, desgraçado. E hoje nos reencontraremos. Tu podes nem se lembrar de mim, mas eu serei lembrada pelos que te amam. Serei o estigma. “O crepúsculo da obra de uma vida foi uma mulher do passado” dirão os jornais. Serei notícia meu amor, serei notícia. Separarei uma foto de quando eu era jovem para estampar a minha cara nas páginas policiais. As detentas ficarão apaixonadas. As policiais lésbicas vão querer me comer, e eu, me deixarei ser comida, meu amor. Será revigorante estar nua diante de uma guarnição de mulheres. E depois? Ser interpelada por um juiz austero e másculo, ser segurada nos braços pe-

las mãos fortes dos policiais. Ah, que prazer, novamente o prazer de ser conduzida à força por homens desconhecidos. A tua morte será meu retorno à juventude, meu amor. Eu estarei viva novamente ao te ver sangrar, meu amado. Teu sangue a manchar de vermelho os meus sapatos brancos, ah, será lindo. *(tendo uma idéia)* É isso! O branco! O decotado. O de cintura. Seda, como meus ombros nus aos vinte anos. Odete! Odete venha cá! *(entra a empregada)* Odete, hoje voltarei à juventude. Esplendorosa como a morte em dia de catástrofe. Vamos Odete, encontre meu vestido branco, de seda. *(a empregada estática)* Sim, irei brilhar como luz atômica. Trarei vigor sanguíneo àquela festa de merda. Odete, prepare meus sapatos brancos. *(a empregada estática)* Serei eu a vertigem alucinantemente terrível da beleza que há no mal. Odete, o que está fazendo aí parada como uma estátua de sal?

Odete

Não vou fazer mais nada. Quero as minhas contas.

Patroa

Não, Odete, tu não farás isso comigo! Não hoje, no ápice do meu desassossego. Não vais me abandonar sozinha no entre-meio da tempestade que culminará minha vida. Não, não podes me deixar agora!

Odete

Eu cansei que a senhora brigue comigo.

Patroa

(dissimulada) Ora, Odete, não se ofenda com minhas injúrias. Meu furor não é contra ti. Tu não tens culpa da estupidez que te carcome o tutano dos ossos.

Odete

Senhora...

Patroa

(interrompendo) E nem tutano nos ossos tu tens! Sei que a culpa dessa sordidez, dessa pequenez humana, dessa insignificância não é tua. É da tua mãe horrível que te criou assim, desse teu pai fraco que deixou que a filha se tornasse essa qualquer que você é.

Odete

Senhora, por favor...

Patroa

Deixe-me falar partícula!

Odete

Não, senhora! Chega de xingar!

Patroa

O quê! Como ousa levantar a voz para mim. Cale-se pó! Cale-se nada incomensurável!

Odete

Não, senhora! Não quero mais ouvir...

Patroa

Quem és tu para querer qualquer coisa? Cale-se enquanto estou falando! O que pensas que és, seu trapo, para ousar levantar o tom comigo? Cale-se antes que essa tua voz esganiçada de escrava te sufoque! Cala essa tua boca desdentada antes que eu te acabe com os últimos cacos que te restam nesse bueiro sem lábios que tu usas pra murmurar! *(a empregada faz menção de falar)* Não ouse abrir novamente essa latrina com que você come! Se eu sentir novamente essa tua língua articular qualquer sílaba, ah, minha cara, não mais me res-

ponsabilizo por minha civilidade. Me rebaixarei a tua selvageria, mergulharei na lama imunda de tua baixaza e te reduzirei ao pó de onde tu jamais deverias ter se levantado!

Odete

Senhora, por favor, eu só queria...

Patroa

E quem és tu para ter querereres?

Odete

Sou uma pessoa humana...

Patroa

Não ultraje a humanidade querendo comparar-se a minha espécie.

Odete

(levantando bruscamente a voz) Eu também sou gente!

Patroa

(cala rapidamente a boca da empregada com um tapa) Gente como você é uma raça inferior. *(pausa. A empregada começa a chorar)* Isso, prova a tua humanidade ganhando como um cão espancado.

Odete

A senhora é muito má.

Patroa

A maldade é o bem necessário aos que precisam de correção.

Odete

Eu não queria isso, não queria...

Patroa

Recomponha-se, Odete. O que queres me fazer pensar que sou, agindo assim como vítima? Vamos, Odete, levante essa cabeça. Olhe com esses teus olhos inundados de lágrimas pra mim e descubra o que ainda tem por fazer. Eu não estou lhe dando um emprego, Odete, eu lhe dou a oportunidade de se regenerar como ser humano, de com a minha companhia crescer como gente que tu dizes que é. Odete, eu tenho tarimba! Tarimba, minha cara! Tu não compreendes o quanto podes evoluir convivendo comigo? Olhe para mim. Veja, quantos vestidos! Que belos móveis eu possuo! Posso pagar o salário de várias como você. Veja, Odete, eu sou o modelo de tudo o que tu um dia quiseste ser! Eu sou o teu alvo! (*a empregada recompõe-se*) Isso. Assim é que eu gosto. Assim tu me serves como alguém que posso comandar decentemente. Tu te elevas ao te rebaixares.

Odete

Senhora, posso me retirar para lavar o rosto?

Patroa

Sim, Odete. Eu não gostaria de ser servida por alguém cuja aparência me lembra a desgosto. Pode ir. Vá lavar essas tuas lágrimas insensatas. *(a empregada sai. Pausa)* É uma inútil mesmo. Agora eu é que terei de procurar meu vestido, e além de tudo me vestir sozinha. Animalzinho triste essa desgraçada. *(procura o vestido no armário, encontra e o estende sobre a cama)* Serei a mais linda homicida da noite. *(começa vestir-se)* Odete, venha cá! Odete! *(entra a empregada com uma expressão nula)* Me ajude aqui, Odete. *(a empregada abotoa-lhe o vestido. A senhora exhibe-se)* O que acha de meu vestido branco? Só me faltam os sapatos. Encontre-os! *(a empregada procura os sapatos e a senhora pega novamente o retrato)* Aí esta você,

meu anjo. Nunca te devolvi esta foto. Menti que a queimei com todas as outras e tu nunca mais me enviaste notícias. Tudo o que sobrou de nós é essa foto amarelecida, de quando éramos belos e nos amávamos. Guardei até hoje essa má recordação porque precisava de tua imagem para te odiar. Nunca pude queimar tua foto porque no dia seguinte eu teria que queimá-la novamente, e novamente e para sempre acabar de vez com esse teu rosto infernal de anjo. *(a empregada encontra os sapatos e fica em pé segurando-os, estática)* Mas hoje eu posso! Hoje, que destruirei a carne de teu rosto, posso também destruir a tua imagem no papel. *(a empregada deposita silenciosamente os sapatos à frente da patroa, que os calça)* Odete, fósforos. *(a empregada dirige-se lentamente à penteadeira. Procura os fósforos, mas não encontra. Pega um caco pontiagudo do espelho quebrado)* Sempre te achei inferior. E mesmo assim sempre te amei. Precisavas de mais provas? Não posso permitir que vivas sem mim. Pre-

firo-te morto, com mais morte que a que carrego em minha solidão. Tu fostes um doce fruto que joguei no lodo e hoje tu és a árvore que prometias ser. E é na tua sombra, meu amor, que com machado farei lenha para aquecer minha velhice. Queimarei esse teu rosto infernal, te transformarei em cinzas e pisarei no teu pó! Os fósforos, idiota! *(chora silenciosamente. A empregada volta com o estilhaço pontiagudo escondido e coloca-se atrás da patroa).*

Odete

Senhora, não achei os fósforos.

Patroa

É uma inútil mesmo! Desgraçada, incapaz, demente, ordinária...

Odete crava o caco de vidro nas costas da patroa. Sangrando, a patroa cai e se arrasta até a cama. Observa a empregada fugir rapidamente depois de contemplarem-se por alguns segundos, em silêncio.

Escuridão

SOBRE O AUTOR

Afonso Nilson Barbosa de Souza é dramaturgo, professor e crítico teatral. É autor das coletâneas de textos teatrais *Pequenos Monólogos para Mulheres* e *Seis Textos Breves para Estudantes de Teatro*, além de diversos outros livros de dramaturgia. Seus textos teatrais já foram encenados por dezenas de grupos profissionais e estudantis no Brasil e em Portugal, bem como adaptados para o cinema.

Em 2015 recebeu o Prêmio Iberoamericano de Ensaio Sobre Teatro - CELCIT. É membro da International Association of Theatre Critics (IATC), filiada à Unesco.

Outras obras do autor publicadas pela Editora Proscênio:

- **Revista íntima** - texto teatral para duas atrizes (2023)
- **A declaração de amor do menino negro** - texto teatral para quatro atores (2021)
- **O ator impuro** - ensaios sobre teatro (2020)
- **Asfixia** - texto teatral para cinco atores (2019)

Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

